

miriamleita@oglobo.com.br

MÍRIAM
LEITÃO

COM MARCELO LOUREIRO

O mar da dúvida

A eleição será definida pelos que não indicaram até agora a sua preferência. E é um mar de gente. Entre os pesquisados, 46% não têm candidato, e 21% preferem o voto nulo ou branco. Para onde vão esses dois terços do eleitorado? Os sem candidato podem se distribuir como os que já escolheram ou ir majoritariamente para um dos participantes. O não voto pode se decidir ou crescer.

Estamos a 147 dias das eleições e sabemos muito pouco. Toda a distribuição de preferência se dá nos 33% dos entrevistados que dizem saber em quem vão votar. O líder das pesquisas, Lula, é inegável. O segundo e o terceiro lugar nessas pesquisas, Bolsonaro e Marina, têm somados 25% das intenções dos que sabem como vão votar, mas apenas 1%, cada um, dos recursos dos fundos partidários. Além disso, terão tempo exíguo de televisão. A maior parte do dinheiro público irá para partidos extremamente envolvidos nas denúncias de corrupção.

Na semana passada, Joaquim Barbosa, um dos pré-candidatos que mais causavam expectativa, saiu da disputa e isso aumentou a bruma que cerca o processo. Essa sensação de espaço vazio ajuda a pensar no que quer o eleitor de 2018. A primeira constatação é a de que o combate à corrupção é, de fato, uma das mais importantes demandas. Joaquim, como juiz do Mensalão, ficou com essa marca. Ele também é, por sua história, a representação viva da inclusão social pela educação. O mesmo atributo de Marina. Portanto, o sinal que dava era de reforço das políticas de inclusão. E esta é outra das demandas do eleitor.

O presidente Temer, em mais uma declaração infeliz para a coleção das suas impropriedades, disse que Joaquim Barbosa não poderia ser o presidente só por ser negro e ter sido pobre. Joaquim poderia ter almejado o cargo pelo conjunto das suas qualidades, várias delas o presidente nem compreende.

Será preciso também que o candidato saiba como fará o ajuste nas contas públicas que permita retomar o crescimento econômico e criar emprego. Os projetos econômicos começam a se esboçar, mas alguns estão falhos ou são voluntariosos. A economia melhorou diante do quadro deixado pelo governo Dilma. Isso não significa que se deve apoiar o governo atual, nem que se possa entrar em alguma aventura que revogue o que foi feito. Os acertos na economia dos últimos dois anos vão balizar o caminho.

Foi possível derrubar a inflação, que está há dez meses abaixo do piso da meta e, por isso, com capacidade de passar confortavelmente pelo período de pressões inflacionárias provocadas pela turbulência internacional. As contas externas em equilíbrio afastam o destino argentino. A recuperação do valor da Petrobras ensina, na prática, a vantagem da gestão profissional e da não indicação política. A empresa voltou a pagar dividendos aos acionistas e aumentou o volume de impostos pagos às três instâncias administrativas.

As contas públicas continuam com um enorme déficit, ainda que o fundo do poço tenha sido no governo passado. A atual equipe econômica conseguiu evitar o aprofundamento da queda, mas não há perspectiva de reversão a curto prazo. O próximo governo herdará contas com um enorme déficit e muitas demandas por gastos. Terá que fazer escolhas duríssimas. Na última semana, o chefe da Receita Federal, Jorge Rachid, disse que o ideal seria reduzir as renúncias fiscais à metade. Renúncia fiscal, ou abatimento nos impostos de setores ou de empresas, aumentaram muito nos últimos anos. Alguns candidatos, à esquerda e à direita, insinuam projetos que vão estimular setores, isso significa gastar mais com empresários. Como disse Rachid, quando alguém recebe um incentivo, o resto da sociedade paga a conta. Ele diz isso, mas o governo se prepara para aprovar o Rota 2030, de subsídios à indústria automobilística. A força do lobby sempre é forte demais.

Os candidatos podem ser genéricos e superficiais no projeto econômico, mas quem for eleito terá que saber objetivamente o que fazer, porque o déficit e a dívida são tão altos que qualquer aventura precipitará uma crise. Falta pouco para as eleições, e candidatos e eleitores ainda estão mergulhados em um mar de dúvidas. ●

oglobo.com.br/economia/miriamleita

DO EMPREGO À INFORMALIDADE

FOTOS DE MÁRCIA FOLETTO



Retorno. Allan Felipe voltou a trabalhar como ambulante depois de perder o emprego. Ele buscou um local movimentado sem outros vendedores de óculos

No Rio, mais de 5 mil esperam licença para trabalhar na rua

Prefeitura diz que há vagas, mas para atuar no interior dos bairros

DAIANE COSTA
daiane.costa@oglobo.com.br

Com mais desempregados buscando renda alternativa no comércio de rua, o Rio tem quase 5,5 mil ambulantes na fila de espera por uma licença para trabalhar formalmente nas ruas. A demanda aumentou com a crise, mas a grande maioria trabalha sem autorização. Segundo o coordenador de Licenciamento e Fiscalização da prefeitura do Rio, Luiz Felipe Gomes, há 14,3 mil ambulantes formais na cidade, enquanto o número de informais é estimado em quase 56 mil, totalizando perto de 70 mil ambulantes na capital fluminense. Antes da crise, esse número não passava dos 50 mil, diz o coordenador.

Enquanto a fila de espera cresce, a prefeitura diz que sobram 4,2 mil licenças, mas não nos lugares onde os ambulantes querem ficar. As vagas são para zonas periféricas dos bairros das zonas Norte e Oeste, mas o Movimento Unidos dos Camelôs (Muca) argumenta que a demanda nessas zonas é baixa, fazendo com que a atividade não compense. Os camelôs disputam as áreas centrais dos bairros, além do Centro e Zona Sul.

— Não há mais como acomodar ambulantes no Centro, ou nos centros de Bangu e de Campo Grande, por exemplo. Para o interior dos bairros eles não querem ir — diz Gomes.

RISCO COM DEPÓSITO CLANDESTINO

Allan Felipe Sousa optou por vender óculos num ponto movimentado do Centro para ficar no caminho dos clientes:

— Já havia sido camelô há oito anos. Depois consegui emprego com carteira e não queria outra vida. Como tive de voltar para a rua, escolhi um lugar por onde passa muita gente, sem outros vendedores de óculos.

A própria presidente do Muca, Maria de Lourdes do Carmo, queixa-se do aumento



Na rua. Formada em Gastronomia, Juliana (à direita) trabalha com a mãe

descontrolado de camelôs.

— As pessoas que antes compravam da gente agora vêm para a rua trabalhar e disputar espaço e clientes. Com isso, nossa renda caiu. Mas não há como trabalhar no interior dos bairros. Não tem quem compre — diz a comerciante com 23 anos de experiência na rua, há quatro anos formalizada.

A filha de Maria de Lourdes, Juliana do Carmo, de 27 anos, já teve emprego formal, mas atualmente vende balas, chicles e biscoitos ao lado da banca em que a mãe trabalha. Ela concluiu o curso superior de Gastronomia, há um ano e meio, mas não conseguiu emprego na área.

— Só saio da rua quando conseguir emprego na minha área. Mas, em todo restaurante que vou, eles dizem que só aceitam homens na cozinha — reclama a jovem, que de quarta a sexta complementa a renda, de cerca de R\$ 1,2 mil mensais, com a venda de churrasquinho em outro local, onde ganha mais R\$ 800.

Em busca de uma alternativa para garantir a sobrevivência, os novos ambulantes acirram a

disputa do território urbano com pedestres, antigos camelôs e lojistas, numa relação por vezes amigável e por outras conflituosa. Além da maior competição, o aumento de vendedores agravou outro problema: a falta de locais adequados para o depósito das mercadorias.

Segundo a coordenadora do Muca, a maior parte é obrigada a pagar entre R\$ 50 e R\$ 60 por semana a pessoas que se apropriam de prédios abandonados para fazer desses locais depósitos clandestinos:

— Eu pago R\$ 1,5 mil por mês por uma sala comercial para guardar as roupas que vendoo. Mas a maioria, que não tem condições, acaba deixando em depósitos clandestinos, sujeitos a fiscalização. E, quando eles aparecem (os fiscais), levam tudo.

O presidente do Clube de Diretores Lojistas do Rio de Janeiro, Aldo Gonçalves, defende que a prefeitura aumente a fiscalização para tirar da rua vendedores sem licença ou com produtos sem comprovação de origem (roubados, con-

trabandeados e piratas).

— O aumento de ambulantes é péssimo. Para o comércio, que perde renda, para o vendedor, que deixa de ganhar comissão, e, além disso, derruba a arrecadação de impostos. Eles (os ambulantes) sujam a cidade, tomam conta das calçadas e impedem as pessoas de chegarem até a porta das lojas. O Rio vive uma desordem urbana terrível. A cidade está abandonada — reclama.

ORIGEM DAS MERCADORIAS

Para o urbanista Washington Fajardo, a fiscalização abandonou as ruas do Rio. Ele sugere que a prefeitura ofereça treinamentos para gastronomia de rua, artesanato e técnicas de venda e organize quermesses, feiras de bairro e festas culturais para converter o trabalho ambulante numa experiência urbana positiva:

— São necessárias políticas públicas de emprego e renda e é importante dar ordem à ocupação do espaço público. Não pode ser “liberou geral”.

A cientista social e antropóloga Rosana Pinheiro Machado, que mapeou a origem das mercadorias vendidas por ambulantes e pelo comércio formal, diz que, muitas vezes, os camelôs vendem mercadoria dos mesmos fornecedores dos lojistas:

— Há uma queixa histórica do comércio sobre a procedência dos produtos dos ambulantes. Ela faz sentido, mas não é a regra. Há camelôs que compram de grandes centros de distribuição em São Paulo, por exemplo. Produtos vendidos na Rua 25 de Março ou de um mesmo fabricante chinês podem ser encontrados tanto no comércio formal quanto nas mãos dos ambulantes — diz a antropóloga, que defende a formalização como solução. — Nunca vi alguém ter orgulho de ser marginal. Sempre que houver políticas de legalização adequadas, eles vão atender porque querem se tornar empreendedores. É a melhor forma de controlar a procedência dos produtos. ●

EPSON

Kalunga.com
+160 lojas

AMÉRICAS SHOPPING Av. das Américas, 15.500
BANGU SHOPPING Rua Fonseca, 240
BARRA DA TIJUCA (SHOP. METROPOLITANO BARRA) Av. Embaixador Abelardo Bueno, 1.300
CASCADURA Av. Dom Hélder Câmara, 9.783

FABER-CASTELL

Kalunga.com
+160 lojas

GUANABARA (SHOPPING GUANABARA BARRA) Av. das Américas, 3.501
IRAJÁ Av. Monsenhor Félix, 1.154 e 1.160
JACAREPAGUÁ (PREZUNIC CENTER) Estr. Marechal Miguel Salazar Mendes de Moraes, 906
MADUREIRA SHOPPING Estrada do Portela, 222

Microsoft

Kalunga.com
+160 lojas

ITABORAÍ (ITABORAÍ SHOPPING) Rodovia Gov. Mário Covas, BR 101, Km 205
IRAJÁ (VIA BRASIL SHOPPING) Rua Itaperá, 500
NOVA IGUAÇU Av. Nilo Peçanha, 639
NOVA IGUAÇU (SHOPPING NOVA IGUAÇU) Av. Abílio Augusto Távora, 1.111

SAMSUNG

Kalunga.com
+160 lojas

PARTAGE SHOPPING SÃO GONÇALO Av. Presidente Kennedy, 425
SÃO GONÇALO SHOPPING Av. São Gonçalo, 100
SÃO JOÃO DO MERITI (SHOPPING GRANDE RIO) Estrada Antonio Sendas, 111